

As Memórias do Dr. Albertazzi¹

José Calasans

Deve existir no Céu um protetor dos pesquisadores em geral e dos pesquisadores de História em particular. Ignoro seu santo nome, mas posso dar testemunho público de sua generosa proteção aos mariscadores das coisas do passado. Nas investigações que venho fazendo, há muitos anos, a respeito do episódio histórico de Canudos, o anônimo patrono da pesquisa não me tem abandonado. De quando em vez, inesperadamente, dele recebo um régio documento, de cuja existência jamais suspeitei. Estão neste rol as memórias do dr. Albertazzi, que me chegaram às mãos por intermédio de uma antiga aluna, descendente do ilustre médico, que tantos elementos forneceu a Euclides da Cunha sobre a expedição Febrônio de Brito.

O dr. Edgard Henrique Albertazzi, cujo nome aparece nas páginas de *Os Sertões*, era um médico baiano, oficial da Polícia, nascido a 26 de fevereiro de 1865. Faleceu, nesta capital, reformado no posto de major, a 17 de dezembro de 1944. Profissional consciente e cumpridor de seus deveres, segundo a unânime opinião dos seus conhecidos que eu tive ensejo de ouvir. Em 1897, na qualidade de capitão-médico da Polícia da Bahia, tomou parte na segunda expedição contra Canudos, comandada pelo major do Exército Febrônio de Brito. Foi um grande momento na vida do dr. Albertazzi e é exatamente a respeito da malograda diligência que ele escreveu suas reminiscências, ainda inéditas, intituladas “Páginas Íntimas”. Datam de 1932, trinta e cinco anos após os acontecimentos que rememora. Tinha, então, o autor 67 anos de idade. Numa linguagem clara e simples, “Páginas Íntimas” contém boas e verdadeiras informações de caráter militar, político e social. Merecem ser divulgadas.

Euclides da Cunha, no capítulo em que trata da expedição Febrônio de Brito, cita três vezes o nome do dr. Albertazzi, a quem chama, numa das passagens, de

¹ Jornal da Bahia, 12/03/1963.

Everard, declarando, textualmente em nota de pé de página: “Os incidentes desta jornada, devo-os ao depoimento fidedigno do Dr. Albertazzi”. O informante mencionado conta, nas suas memórias, como se aproximou do autor de *Os Sertões*. Deu-se o encontro no Palácio do governo, em presença do Governador Luiz Viana e do Ministro da Guerra, marechal Machado Bitencourt, aos quais o dr. Albertazzi relatou, com vivo entusiasmo, o papel desempenhado pelo major Febrônio, de quem era grande admirador. “Euclides da Cunha”, registram as “Páginas Íntimas”, “me estreitando ao peito, dizia-me: “Estive, assim que saltei, com o Febrônio, pois estou encarregado pelo marechal de escrever a História de Canudos; ele me deu seu endereço e me disse: procure o dr. Albertazzi, que é quem melhor poderá descrever a minha expedição e sr. dr. acabo de ouvi-lo, estou entusiasmado... Bem disse-me Febrônio, ninguém descreveu ainda esta epopéia como o sr! Tenho ouvido os oficiais que lá estiveram e contam esse grande feito, mas falta-lhes a minúcia, as sublimes palavras de Febrônio nos momentos trágicos... Peço me conceder uma entrevista.” Evidentemente, embora o memorialista não faça a menor referência ao fato, Euclides da Cunha esteve conversando com Albertazzi, de quem obteve as fidedignas notícias sobre os fatos ocorridos durante a chamada Segunda Expedição.

Coloco de lado tudo aquilo que consta das recordações do médico baiano e foi criteriosamente usado por Euclides da Cunha no seu ensaio imortal. Volto-me para algumas das novidades que deparei nas “Páginas Íntimas”, que não foram poucas. Começo pelo registro da presença de índios nas hostes conselheiristas, assunto que precisa ser pesquisado com o maior interesse. Eis o que se lê nas notas em tela: “Índios dos aldeamentos de Rodela e Mirandela, fanatizados que, em número de cerca de 400, nos haviam assaltado pelas faces do quadro do 9º e da Polícia, ali estavam mortos pelas metralhadoras e pelas carabinas Comblain da Polícia, de arco em punho, mutilados”. Também constituem novidade, pelo menos para mim, as palavras constantes dos patuás jagunços, onde figura o nome venerando da jagunçada, o do Bom Jesus Conselheiro. “Nenhum cadáver foi insultado”, escreveu o dr. Albertazzi, “apenas os soldados retiravam dos pescoços

os tais patuás, curiosos de verem o que encerravam. Sou filho de Bom Jesus Conselheiro, teu tiro vira água, nuns; És de Belzebu, eu sou do Conselheiro, tua pólvora vira carvão e tua bala alcanfôr, noutros”. Vale também lembrada a referência feita à “rua dos negros”, no arraial de Canudos, o que representa interessante achega ao estudo da participação dos negros, possivelmente antigos escravos, no movimento sertanejo de Antonio Conselheiro, tema só recentemente afluído por Gilberto Freyre no seu livro “Ordem e Progresso”. A denominação “rua dos negros”, que apenas li em Albertazzi, precisa ser esclarecida.

A parte política das memórias é realmente importante. Amigo do conselheiro Luiz Viana, devendo-lhe mesmo um grande favor, o dr. Albertazzi era admirador entusiasta do major Febrônio de Brito, que entrara em luta aberta contra o então Governador de Estado. Febrônio, pela imprensa, procurou atirar sobre Luiz Viana a responsabilidade do insucesso da missão militar que lhe coube dirigir, alegando ter o governo deixado de dar aos expedicionários os meios para combater o arraial fanático. Os jornais governistas, por seu turno, não pouparam o chefe militar, dizendo mesmo que Febrônio era um soldado incapaz já acostumado ao pó da derrota desde a campanha federalista do Rio Grande do Sul. Os ânimos estiveram exaltados; os militares não escondiam suas opiniões a respeito do Conselheiro Luiz Viana. Arriscando a própria carreira, o então capitão Albertazzi defendeu, ardorosamente perante o Governador, o modo de agir do seu comandante, no decorrer da luta, segundo revela nas memórias que estou comentando.

A 4 de abril de 1932, encerrando suas anotações, disse, melancolicamente, Edgard Henrique Albertazzi: “Já são decorridos 35 anos e só sinto as cicatrizes das feridas da ingratidão. Estou velho, não levo ódios... levo mágoas”. Poderia ter acrescentado: e deixo informações úteis, porque verdadeiras.